



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11734 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

MULHERES NEGRAS: CINEMA E HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO

Elaine Sotero - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Júlia da Silva Lima - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Nilda Guimarães Alves - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

MULHERES NEGRAS: CINEMA E HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO

O presente texto estabelece um diálogo entre negritude, migração e as possíveis ações curriculares nas escolas em torno dessas questões. A pesquisa aqui desenvolvida se deu a partir do cinema, considerando as redes educativas que formamos e nas quais nos formamos (ALVES, 2019), entendendo os *usos* (CERTEAU, 2014) de artefatos culturais pelos *'praticantes pensantes'* nas escolas. Desenvolvemos *'cineconversas'*, em torno das narrativas e fluxos migratórios da diáspora negra, buscando não só compreender o protagonismo das mulheres negras em suas multiplicidades culturais e nas relações com o trabalho durante os contínuos processos migratórios, como também, a criação de *'espaçotempos'* de possibilidades de ações curriculares a partir deles nas conversas com docentes. Com Deleuze, consideramos as ideias que surgem nas *'cineconversas'*, os artefatos que são criados pelos grupos participantes, os próprios filmes, com seus sons e suas imagens, tudo aquilo que aparece nos encontros e que permite as conversas como nossos *'personagens conceituais'* (DELEUZE; GUATTARI, 1993), como intercessores que permitem que pensemos. Esses *'personagens conceituais'* permanecem conosco por muito tempo para que possamos criar os *'conhecimentos significações'* da pesquisa, com os tantos elementos presentes nos *'dentrofora'* das escolas. Ao longo do século XX, a produção audiovisual é assumida como um dos principais meios de contar histórias, dominada por uma branquitude burguesa, engendrando uma visão unilateral, mas, o que se passa cotidianamente, que está presente nos mesmos *'espaçotempos'*, vai além das redes que trançam o poder. Desse modo, em todos os *'espaçotempos'* vão surgindo produções contra-hegemônicas, que contam outras histórias, entre elas as produções que compõem os cinemas negros de África e suas diásporas. Apesar

do poder hegemônico dominar tudo, há ações de resistência e criação, nesses mesmos *'espaçostempos'*. Assim, se resiste à agenda do paralisante e cria-se uma agenda própria, indo além do estabelecido, propondo outras vidas. Essas narrativas vão além da simples denúncia ou reação aos pactos da branquitude (BENTO, 2002). Os cinemas negros contemporâneos, como coloca Freitas (2018), subvertem as estatísticas sub-representadas ao expandir ao infinito as fabulações negras. Partimos da experiência de vida da cineasta angolana-brasileira Tila Chitunda e suas produções cinematográficas. Em seus filmes, a diretora narra as histórias de refúgio de sua família em Pernambuco com o início do conflito armado pós-independência em Angola. O traçado biográfico da cinematografia de Tila Chitunda vai em comunhão à “escrevivência” de Conceição Evaristo (2008). Se a autora mineira usa a “escrevivência” para literaturizar suas memórias individuais, Chitunda cria um cinema negro, audiovisualizado através das narrativas de sua história e de sua família, sendo, também, a roteirista de suas obras. Literatura e audiovisual aparecem, assim, como artefatos que tecem uma experiência individual, mas ao mesmo tempo é coletiva porque ecoam vivências que estão presentes nas trajetórias de muitas pessoas negras, especialmente mulheres.

“FotogrÁFRICA” (2016) é o primeiro mergulho da diretora em seu passado. Retornando aos registros fotográficos de sua família, Chitunda reconta o processo de refúgio de seus pais em Pernambuco. Nele documenta a superação e adaptação, na perspectiva de dona Amélia, matriarca da família Chitunda, através do seu mural de fotografias. Tila Chitunda, ao retornar as memórias imagéticas de sua família, reescreve sua história audiovisualmente, mas ativa outros sentidos como olfatos, paladares e tatos através das lembranças de Angola. A família Chitunda ao chegar no Brasil espera encontrar um país completamente diferente, mas é surpreendida com o nada sutil racismo à brasileira. Ao mesmo tempo que o documentário fala dos percursos e percalços que a família precisou enfrentar, fala também de vontade de reconexão com África de Tila, a única da família a nascer no Brasil.

O filme dela que trazemos neste trabalho é “Nome de batismo – Alice” (2019) é o primeiro de uma pentalogia de filmes que explora as origens dos cinco nomes da diretora. Neste, a Tila Chitunda retorna, enfim, para a África, quarenta anos após o início da guerra civil, em seu país. Visitando seus familiares pelo interior de Angola, a diretora se reencontra com o passado e descobre os motivos que levaram a ser batizada de Alice. A experiência atlântica dos Chitunda marca nossas históricas conexões com o continente africano – especialmente com Angola que foi uma das regiões que mais tiveram escravizados sequestrados. Muito da cultura dos povos bantos da região estão presentes em nossos cotidianos. Não apenas na linguística com o transbordar do kikongo, quimbundo e umbundo na língua portuguesa que dá a característica brasileira em nosso falar, como sagazmente González (1984) cunha com o seu pretuguês. Essas influências se expandem para campos mais sutis, como na maneira em que nos organizamos socialmente, como em quilombos, favelas e outras comunidades ou, então, como sentimos o mundo, em crenças - candomblés, umbandas.

O simples ato de *'verouvirsentirpensar'* um filme é uma experiência formativa, principalmente quando consideramos as questões raciais, vivências que, historicamente,

durante muito tempo estiveram ausentes da vida nos cinemas e das escolas. Os cinemas negros têm possibilitado pensar os fluxos entre Brasil e África nos cotidianos escolares. As potências do cinema negro ‘audiovisualvivido’ por Tila Chitunda fabulam outras formas de se tecerem currículos nos processos educativos. Pensando nos fluxos demográficos como constituidores do que é ser brasileiro, ter acesso a essas memórias é uma oportunidade de ativar outras potências curriculares em cotidianos escolares (MENDONÇA et alii, 2020). Currículos que não só estejam abertos aos diversos, como Gomes (2012) propõe para descolonizá-los, reconhecendo que as mulheres negras foram as primeiras a carregar o peso da humanidade para outras partes do globo. Se o Brasil é um país diverso e rico por sua diversidade cultural e linguística é graças às mães negras que amamentaram e gestaram a população brasileira, como González (1984) estudou ao perceber o lugar não falado da mulher negra brasileira, apesar de ser a matriarca da língua portuguesa devidamente brasileira.

Palavras-chave: Cotidianos Cinemas negros Resistência e Criação

Referências

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019: 115 – 133.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. 2002. Universidade de São Paulo, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer – 3ª ed., Vol.1*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munõz. São Paulo: Ed. 34 letras, 1993.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. *Revista Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, novembro, nº 23, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

MENDONÇA, Rosa Helena; SANTOS, Joana; TOJA, Noale; MORAIS, Maria. “Cineconversas” e fabulações curriculantes: o uso de filmes e a potência das conversas como metodologia de pesquisa em educação. *Revista e-Curriculum* [Online], Volume 18 Número 4; 16 dezembro. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* Companhia das Letras, 1a ed. — São Paulo, 2018.